



CTT vai ser a empresa menos endividada da bolsa nacional

Privatização Analistas de mercado aplaudem decisão do Governo e realçam dividendos da empresa como o atractivo da operação.

Rui Barroso

rui.barroso@economico.pt

Os CTT têm um indicador financeiro difícil de encontrar na bolsa portuguesa. O valor da dívida é bastante inferior ao montante que a empresa tem em caixa. Este é um dos factores que dão confiança aos analistas e participantes do mercado de que a empresa tenha condições financeiras para distribuir dividendos generosos, tornando-a potencialmente atractiva para os investidores.

O gestor de activos do Banco Carregosa, Rui Bárbara, referiu que “este tipo de empresas está num ponto de maturidade, em que já não necessitam de grandes investimentos, geram ‘cash flows’ elevados e tendem a distribuir bons dividendos”. No entanto, reconhece que o factor essencial para despertar o interesse “é sempre o preço face ao valor da empresa”.

Nos últimos seis anos, os CTT entregaram 291,5 milhões de euros de dividendos ao Estado, valor que representa 71% do lucro acumulado desse período, que se situou em 411,9 milhões de euros. Entre as cotadas do PSI 20, apenas quatro empresas são mais generosas com os investidores do que os CTT com o Estado. A Portugal Telecom e a Zon até distribuíram este ano dividendos acima do lucro conseguido em 2012. Além destas duas cotadas, apenas a Portucel e a REN têm um payout acima de 70%, segundo dados coligidos pela Bloomberg. “A política de dividendos deverá provavelmente representar um dos principais pontos de atracção, com os CTT a deverem destacar-se no mercado Português”, referiu o analista da Fincor, Albino Oliveira.

Apesar da generosidade dos CTT, e contrariamente ao que acontece a empresas com políticas de remuneração aos accionistas demasiado agressivas, a empresa não viu os seus rácios de alavancagem subirem para valores elevados. Pelo contrário. A empresa referiu no seu relatório e

contas semestral que o rácio que compara a dívida líquida sobre o EBITDA é negativo em 4,2 vezes. Quer isto dizer que os CTT têm uma posição de caixa positiva, isto é, em que a liquidez é superior à dívida. A empresa terminou o semestre com uma dívida bruta de 6,3 milhões de euros e com disponibilidades líquidas de 226,6 milhões de euros. Mais nenhuma cotada do PSI 20 consegue ter um valor em dívida inferior às disponibilidades financeiras. Entre as cotadas, a menos endividada é a Jerónimo Martins, com o rácio da dívida líquida sobre o EBITDA - um dos mais utilizados pelos analistas para medir a situação da dívida - de 0,57 vezes.

“A dívida líquida negativa é um factor de segurança suplementar para os investidores, porque a empresa tem alguma folga para fazer face às necessidades de financiamento, o que diminui a probabilidade dos investidores virem a fazer um esforço financeiro adicional ou a ver as suas posições diluídas”, explicou o administrador da Optimize, Diogo Teixeira.

Participantes do mercado aplaudem intenção do Governo

A decisão do Governo em fazer a privatização dos CTT através da Bolsa até foi aparentemente mal recebida pelos interessados por-



O presidente da ATM, Octávio Viana, aplaude a colocação dos CTT em bolsa e defende que a operação “pode alavancar futuras privatizações de empresas”.



O administrador da Optimize, Diogo Teixeira, entende que “a saída de várias cotadas de grande dimensão fez o mercado perder fôlego, portanto é importante esta nova entrada.”

tugueses em comprar a empresa numa venda directa (ver texto ao lado). Mas do lado dos investidores dos mercados financeiros a opção foi aplaudida.

“Aplaudimos a decisão do Governo”, refere o presidente da Associação de Investidores e Analistas Técnicos, Octávio Viana. Realçou que a operação “vai permitir à bolsa portuguesa captar os principais ganhos proporcionados pela diversificação, principalmente porque que é um sector que não está altamente correlacionado com os restantes. É uma nova entrada em bolsa, que é bom para compensar as recentes saídas e as que eventualmente ainda venham a sair”.

Após a saída da Brisa e da Cimpor do índice de referência e com a transferência do poder da Portugal Telecom para o Brasil, Diogo Teixeira considera que “é importante esta nova entrada para dar interesse ao mercado nacional”. Acrescenta que os CTT estão num sector que não está bem representado a nível europeu, apesar da operação de entrada no mercado da Royal Mail. Portanto ter uma empresa deste sector em Portugal pode fazer com que investidores estrangeiros que queiram ter exposição a esta área de actividade comecem a olhar para o mercado nacional.”

Por outro lado, Octávio Viana considera que “a privatização dos CTT pode ser um bom isco para futuras operações, permitindo ao Governo alavancar futuras privatizações de empresas para as quais não existem muitas manifestações de interesse, como é o caso da TAP”. A perspectiva é partilhada por Albino Oliveira: “Uma colocação com sucesso poderá contribuir para a melhoria no sentimento dos investidores internacionais relativamente a Portugal, importante num momento em se prepara o desejado retorno ao mercado primário de dívida”. O analista da Fincor conclui que “a escolha pela dispersão em bolsa pode também ter esse objectivo por parte do governo Português. ■ Com C.S.

